

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR: *SER-SE CALOIRO*

José Bravo Nico
Departamento de Pedagogia e Educação
Universidade de Évora

Introdução

A universidade, entendida como uma realidade sistémica, com a qual o indivíduo - numa determinada fase dos seus projectos académico e de vida - se relaciona, é um dos ciclos mais importantes e concomitantemente difíceis da sua trajectória como aluno. Nem sempre é fácil a adaptação ao início desta etapa académica, radicando neste debutante período os maiores obstáculos à integração do *caloiro* na instituição universitária.

É nossa intenção, apresentar alguns dos resultados - parciais e não completamente tratados - de uma investigação que temos vindo a realizar no âmbito do Curso de Mestrado que frequentamos, tendo-se constituído como objecto das nossas pesquisas a população estudantil do 1º ano dos cursos de licenciatura da Universidade de Évora.

1. A entrada na universidade: o início de um futuro ou o fim de um passado?

O acesso ao ensino universitário representará para muitos jovens um símbolo de sucesso no seu percurso académico. É o culminar de um ambicioso projecto académico que tinha como grande baliza a entrada na universidade. Mas, este contacto formal com uma realidade até então tão desejada quanto desconhecida, representará concomitantemente o início de um, ainda mais ambicioso, projecto de vida: tirar um curso. Projecto que, amiúde, é perfilhado não só pelo protagonista mais directamente interessado, como também pelos seus familiares, amigos e pela própria sociedade no seu geral.

Se durante os ensinos básico e secundário, o relacionamento experienciado pelo indivíduo possuía uma dimensão afectiva preponderante, na universidade, essa dimensão dominadora é a intelectual, a qual é pouco conhecida pelo *caloiro*. Perante este novo cenário, os posicionamentos relativos de docentes, discentes e instituição, não são imediatamente perceptíveis aos olhos do *caloiro*. A sua função e o seu papel são, para todos os efeitos, uma novidade. Uma novidade muitas vezes difícil de compreender e de operacionalizar. Sendo a relação pedagógica, segundo ESTRELA (1992, p. 38) uma relação circunscrita num determinado tempo, é também directamente influenciada, pelas representações que o aluno universitário possui dos seus papel e função. Representações que ainda apresentam contornos extremamente difusos, dificultando assim a movimentação discente na nova e sistémica realidade. A realidade universitária, como qualquer realidade - e parafraseando FERNANDES (1990, p. 122) - não possui uma só versão: qualquer que seja o processo da sua apreensão, este pressupõe sempre a personalidade de quem percepção, originando assim diferentes representações dessa mesma realidade. A universidade aparece pois, aos olhos discentes, como um conceito em início de construção, no qual, a posição a ocupar se desconhece completamente, assumindo-se dessa forma como constante fonte de ansiedade.

No entanto, este é apenas um dos aspectos que dificultará, eventualmente, a adaptação do debutante. Entre o primeiro dia de contacto com a instituição e a tomada de consciência dos aspectos referenciados, existe todo um complexo conjunto de vivências que afectam a integração do aluno na universidade. *Ser-se caloiro* é aprender de novo tudo aquilo que se julgava já aprendido. É passar por um conjunto de dificuldades intensamente vividas e dificilmente verbalizáveis. É lidar simultaneamente com sentimentos tão intensos quanto contrários como são a alegria e a angústia, o conformismo e a revolta ou o medo do desconhecido e o prazer que sempre brota de tudo o que é desconhecido. É começar um novo e exigente projecto, quando

Ser-se Caloiro

ainda se celebra o sucesso de outro. Ser-se *caloiro* é ser-se fim e ao mesmo tempo princípio.

2. Aspectos da adaptação do aluno à universidade

Indicamos de seguida alguns dos aspectos que julgamos serem mais significativos do estudo que efectuámos junto de uma pequena mas representativa amostra da população universitária do 1º ano dos cursos de licenciatura da Universidade de Évora, no ano lectivo de 1992/93.

A grande finalidade da investigação consistia na identificação e caracterização das principais variáveis de que dependia o processo de adaptação do jovem aluno à universidade, em particular, no que à relação pedagógica diz respeito.

A metodologia adoptada, consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas a uma amostra de vinte discentes dos referidos cursos, a qual teve lugar nos meses de Junho e Julho de 1993. Posteriormente procedeu-se a uma análise de conteúdo da informação recolhida, efectuando a categorização da mesma, tendo em consideração não só a finalidade do estudo e as questões constantes do protocolo da entrevista, como também os anseios e expectativas expressas pelos entrevistados.

Os aspectos a que iremos fazer referência, encontram-se englobados num bloco mais geral a que chamaremos *A adaptação à universidade*. Neste âmbito apresentaremos os resultados - ainda que parciais - do estudo de seis das categorias que aí identificámos.

A adaptação à universidade

Tema - As praxes

Categoria A- A praxe individual

Categoria B- A praxe colectiva

Quadro 1 - Tabela frequencial do tema "As praxes"

Sub-categoria	Conteúdo dos indicadores	Freq.Abs Un. Reg.	Freq.Rel % Un.R.	Freq.Abs Un.En.	Freq.Rel % Un.En.	UR/UE
A1 - A atitude perante a praxe	medo	7	87,5	5	25	1,4
	desejo de ser praxado	1	12,5	1	5	1
A1 - Totais		8	100	6	30	1,33
A2 - Reacções positivas à praxe	gostar	1	50	1	5	1
	meio de conhecer pessoas	1	50	1	5	1
A2 - Totais		2	100	2	10	1
A3 - Reacções negativas à praxe	não gostar	3	60	1	5	3
	violenta	1	20	1	5	1
	ficar mal	1	20	1	5	1
A3 - Totais		5	100	3	15	1,7
B1 - A atitude perante a praxe	desejo de ser praxado	7	87,5	3	15	2,3
	medo	1	12,5	1	5	1
B1 - Totais		8	100	4	20	2
B2 - Reacções positivas à praxe	divertida	3	16,7	3	15	1
	ficar a conhecer as pessoas	4	22,1	3	15	1,3
	avisar acerca dos futuros professores	2	11,1	1	5	2
	não envolveu riscos	2	11,1	2	10	1
	correu bem	3	16,7	3	15	1
	as pessoas ficam amigas	2	11,1	2	10	1
	em conjunto tolerou-se melhor	1	5,6	1	5	1
	ficar a gostar da cidade	1	5,6	1	5	1
B2 - Totais		18	100	8	40	2,3
B3 - Reacções negativas à praxe	não gostar	4	44,5	3	15	1,3
	goza-se com as pessoas	2	22,2	2	10	1
	foi pior que o esperado	1	11,1	1	5	1
	as pessoas chegam a chorar é horrível	1	11,1	1	5	1
B3 - Totais		9	100	6	30	1,5
B4 - A função do padrinho /madrinha	apoio à adaptação à universidade	9	50	8	40	1,1
	informar sobre as disciplinas	3	16,7	3	15	1
	informar sobre os professores	1	5,5	1	5	1
	protecção contra os rituais	2	11,1	2	10	1
	nenhuma	3	16,7	3	15	1
B4 - Totais		18	100	11	55	1,6

Ser-se Caloiro

Legenda:

Freq. Abs. Un. Reg. - Frequência absoluta das unidades de registo

Freq. Rel. Un. Reg (% UR) - Frequência relativa das unidades de registo no âmbito da sub-categoria

Freq. Abs. Un. En. - Frequência absoluta das unidades de enumeração

Freq. Rel. Un. En. (% UE) - Frequência relativa das unidades de enumeração (no total das entrevistas)

UR/UE - Quociente entre a totalidade das unidades de registo e as unidades de enumeração da sub-categoria

Como podemos verificar através da leitura das entrevistas, os rituais de iniciação a que são sujeitos os alunos no seu 1º ano de universidade, são um dos primeiros contactos entre o indivíduo e a instituição. O primeiro facto que importará salientar, é a distinção que foi efectuada entre a praxe de cariz individual e a que decorre no âmbito colectivo.

A primeira decorre aquando do processo de matrícula dos estudantes, muitas vezes sem que o praxado seja ainda, do ponto de vista formal, aluno da instituição. É um ritual que ocorre pontualmente, não demorando muito tempo e no qual participam, além daquele que a ele é sujeito, alunos das mais variadas proveniências, em termos de cursos existentes na universidade, não se observando padrões comportamentais estereotipados. O conteúdo da praxe depende quase exclusivamente da imaginação do seu promotor.

A segunda, tem lugar normalmente após o início das aulas e é considerada como um ritual de iniciação específico de cada curso, uma vez que o «objecto da praxe» é o conjunto de alunos que frequenta o 1º ano de um determinado curso e o «iniciador» é, no caso da Universidade de Évora, o conjunto de alunos que frequenta um determinado ano (o terceiro) do mesmo curso. Verificam-se determinados estereótipos comportamentais, os quais, variam de curso para curso. Este ritual colectivo tem uma duração bastante superior ao anterior - dura normalmente um ou mais dias - extravasando geograficamente para fora do perímetro universitário. Podemos inclusivamente afirmar - dado o conhecimento pessoal que temos da

realidade - que este ritual colectivo é, não só uma tradição da própria instituição universitária, como também da própria comunidade eborense.

A atitude discente face aos rituais é bastante diferenciada. Diremos mesmo, diametralmente oposta. Existe um medo evidente no que se reporta à praxe individual (cf. sub-categoria A1) verificando-se que 87,5% das UR deixam transparecer este receio, enquanto que apenas 1 entrevistado declarou ser sua intenção ser submetido a este tipo de ritual. Eis alguns excertos que, na nossa opinião, caracterizam adequadamente esta postura:

“pensei em faltar às aulas durante esse mês, porque tinha medo...” (E3);

“era mesmo o horror da universidade, para mim...” (E 9).

Já no que se refere à praxe colectiva, a situação é exactamente oposta: a maioria dos entrevistados revelou que desejava essa situação (cf. sub-categoria B1). Vejamos alguns exemplos daquilo que afirmou um aluno:

“acho que a minha turma estava sedenta de praxe...” (E 12);

“senti que, se não tivesse praxe, não entrava nesta instituição...” (E 12).

Se as atitudes se revelaram diferentes, o mesmo sucedeu às reacções expressas relativamente aos dois rituais. A praxe individual parece não ter contribuído grande coisa para a integração discente na instituição, opinião que decorre da leitura da informação contida na sub-categoria A3 e que é ilustrada nos seguintes comentários extraídos das entrevistas:

“achei muito violenta a praxe, quando me vim matricular...” (E 8);

“uma pessoa fica um bocado mal...” (E 9).

Ser-se Caloiro

Relativamente ao ritual de âmbito colectivo, os dados parecem indicar um conjunto de reacções bem mais equilibrado (40% dos entrevistados revelaram reacções positivas, enquanto que 30% afirmaram não ter apreciado tal ritual). De referir ainda que é significativa a proporção UR/UE na sub-categoria B2 (Reacções positivas à praxe colectiva), dado que nos revela ter sido marcante para 40% dos respondentes, a sua participação neste momento da sua vida académica.

Concluindo, poderemos afirmar que os discentes entrevistados se encontram relativamente divididos quanto à oportunidade e função destes rituais, parecendo-nos importante referir as atitudes e reacções evocadas pouco favoráveis à praxe individual, registando-se uma modificação substancial no que, à praxe colectiva diz respeito. Esta parece ter contribuído mais significativamente para o processo de adaptação discente à universidade.

É no decurso da praxe colectiva que aparecem as figuras da *madrinha* e do *padrinho*. Correspondem a uma tradição do ritual académico, segundo a qual, todo o debutante será *afilhado* por um colega do mesmo curso, de ano posterior ao seu (normalmente do 3º ano) o qual será responsável por facilitar ao *caloiro* a sua adaptação à universidade em todos os aspectos.

Verificámos que esta figura simbólica pareceria assumir à partida, um papel determinante na adaptação e integração discente na universidade. Na realidade, 40% dos respondentes referem precisamente essa função de apoio à adaptação, como uma das principais funções da *madrinha/padrinho*, como nos dizem alguns dos alunos entrevistados:

“tem-me ajudado muito na adaptação à universidade” (E 5);
“tenho a certeza de que se tiver algum problema, tenho uma pessoa que me ajuda” (E 20).

No entanto, da análise conjunta do Quadro I (Tabela frequencial do tema “As praxes”) e V (Tabela de frequências relativas da categoria F

“Quem auxiliou”) concluímos que, na prática e em face das declarações aí proferidas, a figura simbólica da madrinha/padrinho, não terá, eventualmente, um papel tão importante no processo de adaptação do *caloiro* à universidade.

Outras das funções desta figura tradicional do ritual de iniciação, consiste na transmissão de informações acerca dos futuros professores e das disciplinas por eles leccionadas (cf. sub-categoria B4). Estas informações parecem ser consideradas de extrema importância para a prévia definição de estratégias de relacionamento com esses futuros docentes.

Resumindo, a informação recolhida e respeitante às cerimónias simbólicas de iniciação, evidencia representações diferentes dos dois rituais que são evocados: a praxe individual e a praxe colectiva. Enquanto o primeiro ritual é alvo de uma atitude francamente desfavorável, o segundo é caracterizado por um maior equilíbrio de posições. É neste segundo ritual que aparece a figura simbólica da *madrinha/padrinho*, que parece constituir-se como um dos principais suportes à integração e adaptação do aluno universitário. Os colegas são, para o debutante, fonte de contradição de atitudes: se por um lado contribuem para a criação de uma imagem negativa da entrada na universidade, pelo outro, é neles que o *caloiro* acaba por encontrar os primeiros sinais de apoio efectivo e organizado à sua integração na universidade.

Tema - As dificuldades na adaptação

Categoria C- Razões das dificuldades

Categoria D- Momentos das dificuldades

Categoria E- Estratégias de superação/adaptação

Categoria F- Quem auxiliou

Ser-se Caloiro

Quadro II
Tabela frequencial do tema "As dificuldades na adaptação"

Sub-categoria	Conteúdo dos indicadores	Freq.Abs Un. Reg.	Freq.Rel % Un.R.	Freq.Abs Un.En.	Freq.Rel % Un.En	UR/UE
C1- Relacionais	estar só	1	5,2	1	5	1
	não conhecer ninguém	5	26,4	4	20	1,3
	a relação c/ os professores	5	26,4	4	20	1,3
	a relação c/ os colegas	5	26,4	4	20	1,3
	a relação com a instituição	3	15,6	2	10	1,5
C1- Totais		19	100	7	35	2,7
C2- Métodos de ensino-aprendizagem	métodos de ensino	6	33,3	5	25	1,2
	métodos de estudo	6	33,3	5	25	1,2
	gestão do tempo	3	16,7	3	15	1
	avaliação	3	16,7	3	15	1
C2- Totais		18	100	11	55	1,6
C3- Factores de desenvolvimento pessoal	imaturidade	9	47,3	5	25	1,8
	inresponsabilidade da	5	26,3	5	25	1
	responsabilidade estado civil	1	8,8	1	5	1
	profissão	1	8,8	1	5	1
	estar fora de casa	3	17,6	3	15	1
C3- Totais		19	100	9	45	2,1
C4- Impreparação prévia	desconhecimento da realidade universitária	3	37,5	2	10	1,5
	impreparação para o ensino universitário por parte do ens. secundário	5	62,5	4	20	1,25
C4- Totais		8	100	6	30	1,31
C5- Rituais de iniciação	receber	1	14,3	1	5	1
	experiências desagradáveis	6	85,7	4	20	1,5
C5- Totais		7	100	4	20	1,75
D1- Localização cronológica	primeiras semanas	8	57,3	6	30	1,33
	primeiros 2 meses	2	14,3	2	10	1
	Fevereiro	1	7,1	1	5	1
	primeiro exame	1	7,1	1	5	1
	cada vez que sai de casa	1	7,1	1	5	1
	quando da matrícula	1	7,1	1	5	1
D1- Totais		14	100	7	35	2
E1- De índole individual	não fazer nada	3	27,3	2	10	1,5
	estudar	3	27,3	3	15	1
	ficar em casa	2	18,2	2	10	1
	sair de casa	2	18,2	2	10	1
	rezar	1	9	1	5	1
E1- Totais		11	100	6	30	1,9
E2- Com o auxílio dos outros	amigos anteriores à universidade	1	25	1	5	1
	relacionando-se abertamente	1	25	1	5	1
	instituição religiosa	2	50	1	5	2
E2- Totais		4	100	3	15	1,33
F1- Familiares	pais	4	66,6	4	20	1
	outros familiares	2	33,4	2	10	1
F1- Totais		6	100	6	30	1
F2- Colegas de curso	colegas do mesmo ano	3	50	3	15	1
	colegas do 3º e 4º anos	3	50	3	15	1

Sub-categoria	Conteúdo dos indicadores	Freq. Abs Un. Reg.	Freq. Rel % Un.R.	Freq. Abs Un.En.	Freq. Rel % Un.En.	UR/UE
F2. Totais		6	100	5	25	1,2
F3. Outras pessoas	amigos	8	42,1	7	35	1,1
	camaradas de quarto	5	26,3	3	15	1,7
	professores	2	10,5	2	10	1
	instituição religiosa	2	10,5	2	10	1
	madrinha/padrinho	1	5,3	1	5	1
	namorada(o)	1	5,3	1	5	1
F3. Totais		19	100	13	65	1,46

Legenda:

Freq. Abs. Un. Reg. - Frequência absoluta das unidades de registo

Freq. Rel. Un. Reg (% UR) - Frequência relativa das unidades de registo no âmbito da sub-categoria

Freq. Abs. Un.En. - Frequência absoluta das unidades de enumeração

Freq. Rel. Un.En. (% UE) - Frequência relativa das unidades de enumeração (no total das 20 entrevistas)

UR/UE - Quociente entre a totalidade das unidades de registo e as unidades de enumeração da sub-categoria

As entrevistas visavam - entre outras coisas - identificar e caracterizar as principais dificuldades de adaptação à universidade, expressas pelos inquiridos. Os dados obtidos possibilitaram obter uma imagem dos obstáculos e dificuldades por que passaram estes alunos, durante o seu primeiro ano, como discentes universitários. Esses dados foram categorizados em quatro dimensões, que correspondem às categorias C, D, E e F (“Razões das dificuldades”, “Momentos das dificuldades”, “Estratégias de superação/adaptação” e “Quem auxiliou” respectivamente).

1. “Razões das dificuldades”

As opiniões expressas pelos respondentes, no que respeita a esta temática, pode ser visualizado no Quadro III.

Quadro III

Tabela de frequências da categoria C: “Razões das dificuldades”

Sub-Categorias	Freq. U.E.	Freq.Rel U.E.
C2- Métodos de ensino-aprendizagem	11	55%
C3- Factores de desenvolv. pessoal	9	45%
C1- Relacionais	7	35%
C4- Impreparação prévia	4	20%
C5- Rituais de iniciação	4	20%

Como se pode constatar, a maioria dos alunos entrevistados refere como principal obstáculo ou dificuldade, a adaptação aos (novos) métodos de ensino docente, o que tem como consequência a necessidade de se adoptarem novos métodos de aprendizagem. Na realidade, 55% dos inquiridos salienta este facto, colocando em plano de concomitante importância o ensino e a aprendizagem (UR/UE = 1,2 nos dois casos).

Tentando ilustrar, vejamos algumas das opiniões expressas:

“na universidade o método de dar as aulas é completamente diferente...” (E 6);

“o tipo de ensino é completamente diferente...” (E 17);

“o mais difícil foi com as disciplinas e com o estudar...” (E 3);

“não sabia bem por onde é que havia de começar a estudar...”(E 9).

Igualmente importantes, no âmbito da adaptação aos métodos de ensino-aprendizagem, são as referências feitas à relativa incapacidade de “organizar o tempo para o estudo e para o trabalho”(E 7) e à avaliação que “era um aspecto que me metia medo”(E 13).

Outras dificuldades enunciadas pelos respondentes, são as que se prendem com aquilo a que apelidámos de “*factores de desenvolvimento pessoal*” (cf. sub-categoria C3). Neste âmbito,

andar na universidade. Há rapazes e raparigas com 17 e 18 anos que ainda pensam de uma maneira infantil e depois os professores não têm paciência para isso, porque não estão a dar aulas no secundário" (E 5). Efectivamente, 25% das entrevistas refere a imaturidade como uma das dificuldades importantes no processo de adaptação à universidade. Esta opinião, segundo a qual "na generalidade dos casos, as pessoas ainda não têm maturidade suficiente quando chegam à universidade" (E 17), constitui-se como uma forte convicção dos cinco entrevistados que a referem (UR/UE = 1,8). É que, como se afirma na E 18, "ter boas notas e entrar é uma coisa, ter maturidade para cá andar é outra".

A falta de algum sentido de responsabilidade discente, é referido por alguns dos próprios alunos (25% da amostra), facto que encontra por vezes a sua justificação, na juventude dos alunos universitários:

"só aquelas pessoas de 25 anos para cima é que estão a levar isto a sério" (E 15).

O terceiro grande grupo de dificuldades (resultado de uma ordenação das sub-categorias por ordem decrescente da frequência das suas unidades de enumeração) são as que resultam de obstáculos de índole relacional (cf. Sub-categoria C1). O relacionamento pessoal assume, como se sabe, um papel importante na integração e acomodação do indivíduo a situações que, como é o caso da entrada na universidade, se caracterizam por acarretarem o início de um novo ciclo nas suas vidas. É uma nova instituição: "não percebia a organização disto" (E 6); são novos professores: "há uma distância muito maior entre professor e aluno" (E 17); são novos colegas, com os quais se irão desenvolver novas formas de relacionamento: "nós tivémos de aprender a lidar uns com os outros" (E 20). Este factor relacional assume para aqueles que a ele se referiram (35% dos entrevistados) uma importância decisiva (UR/UE = 2,7) que se ilustra bem com a seguinte afirmação:

"as pessoas nem sequer o nosso nome sabem..." (E 20).

Ser-se Caloiro

“as pessoas nem sequer o nosso nome sabem...” (E 20).

As dificuldades radicam, para 20% dos declarantes, no ensino secundário. É referido que esse ciclo de ensino não prepara, eventualmente, os jovens, para a transição abrupta que irão viver aquando da sua entrada na universidade (cf. sub-categoria C4). Podemos ilustrar a forma como expressam esta opinião, ouvindo alguns dos respondentes:

“a minha dificuldade de adaptação no ensino superior resulta disso: acho que fomos demasiado apapricados...” (E 12);

“no ensino secundário qualquer probleminha, estava ali o professor...(E 20).

Por último salientaremos, uma vez mais, os transtornos causados pelas experiências desagradáveis proporcionadas pelos rituais de iniciação a que foram sujeitos os debutantes (cf. sub-categorias A2, B2 e C5).

2. “Momentos das dificuldades”

Quadro IV

**Tabela de frequências relativas da categoria D:
“Momentos das dificuldades”**

Localização cronológica das dificuldades	Freq. Relat. U.E. (%)
primeiras semanas	30
primeiros 2 meses	10
Fevereiro	5
primeiro exame	5
cada vez que sai de casa	5
aquando da matrícula	5

realização da matrícula- e como limite superior o mês de Fevereiro, que corresponde (na Universidade de Évora) ao final do primeiro semestre lectivo. Existe, no entanto, um período bastante crítico, que corresponde às primeiras semanas de actividades lectivas, de acordo com o teor de algumas das entrevistas (57,3% das U.R.). Esses primeiros dias parecem ser de difícil superação, constituindo-se como a primeira grande prova, o primeiro grande exame da vida de um estudante universitário, como nos podemos aperceber nas seguintes citações:

“a primeira semana foi um inferno...” (E 5);

“ao princípio foi terrível...” (E 12);

“na primeira noite acho que ainda chorei sózinho...” (E 16).

De notar que não são feitas quaisquer referências a dificuldades vividas em momentos posteriores a Fevereiro, o que poderá pressupor uma adaptação parcialmente conseguida no segundo semestre lectivo - de referir novamente que as entrevistas foram realizadas no final do ano lectivo de 1992/93.

3. “Estratégias de superação/adaptação” e “Quem auxiliou”

Da leitura do Quadro II e tentando resumir de forma quantitativa as estratégias adoptadas pelos discentes, tendo em vista superar as dificuldades enunciadas e descritas no Quadro III, optámos por introduzir o Quadro IV, o qual retrata o conjunto de operações a que os discentes recorreram para resolver a complexa e “terrível” situação vivida nas primeiras semanas como aluno universitário.

Quadro IV

Tabela de frequências relativas da categoria E:

Quadro IV

**Tabela de frequências relativas da categoria E:
“Estratégias de superação/adaptação”.**

Estratégias de superação/adaptação	Freq. Relat. U.E. (%)
estudar	15
não fazer nada	10
ficar em casa	10
sair de casa	10
rezar	5

Verificamos que as estratégias utilizadas para superar as dificuldades decorrentes da inserção no meio universitário, relativamente aos alunos do 1º ano, subjazem a uma postura bastante conformista, individualista e isolacionista como se pode depreender da análise das sub-categorias E1 e E2, facto que ilustramos com algumas das declarações proferidas a este respeito:

- “não tenho feito nada...” (E 1);
- “nas primeiras semanas ficava em casa, via televisão...” (E 8);
- “não tenho tentado nada...” (E 14).

São também referidos estratagemas que assentaram numa preocupação de exercer uma qualquer actividade pontual, quer “organizando as coisas”(E 16), sendo “através da leitura” (E 16) ou “estudava” (E 8). Dois dos alunos indicam a religião como refúgio que procuraram nesses atribulados momentos vividos nos primeiros dias de universidade:

- “primeiro rezo...” (E 19);
- “tentei familiarizar-me com pessoas da mesma ideologia que eu...” (E 16).

crítico da sua fase de adaptação à universidade). É feita apenas uma referência à necessidade consciente de “manter uma relação aberta com eles [alunos e professores]” (E13) no sentido de amenizar as consequências isolacionistas dos primeiros tempos de universidade.

As experiências relatadas pelos entrevistados, no que respeita ao auxílio que receberam (e/ou procuraram) de outras pessoas durante o seu 1º ano de universidade, forneceram-nos a informação que se encontra classificada na categoria F (cf. Quadro II) a partir do qual se ordenaram por ordem de decrescente importância (ordem decrescente das frequências relativas das U.E.) os grupos de pessoas mais frequentemente referidos nas entrevistas:

Quadro V

Tabela de frequências relativas (U.E.) da categoria F “Quem auxiliou”

Quem auxiliou	Freq. Relat. U.E. (%)
amigos	35
pais	20
colegas do mesmo ano	15
colegas do 3º e 4º anos	15
camaradas de quarto	15
professores	10
instituição religiosa	10
outros familiares	10
...	...
padrinho/madrinha	5

Um primeiro comentário é suscitado pelo facto de 35% dos entrevistados expressarem, de uma ou doutra forma, a ajuda prestada pelos seus amigos, durante a fase inicial das suas carreiras académicas. “Alguns amigos de longa data” como é referido em (E 17) ou até mesmo “amigos que conheci durante a recepção ao caloiro” (E 11). Os pais foram, para 20% dos inquiridos, um importante apoio nas horas

Ser-se Caloiro

“Alguns amigos de longa data” como é referido em (E 17) ou até mesmo “amigos que conheci durante a recepção ao caloiro” (E 11). Os pais foram, para 20% dos inquiridos, um importante apoio nas horas menos boas que foram intensamente vividas pelos debutantes. Os colegas de curso (quer do primeiro ano, quer de anos mais avançados) são também indicados, como se comprova através dos seguintes excertos:

“pessoas na turma, que já são mais queridas...” (E 4);
“tive muito apoio dos meus colegas, principalmente do 3º ano...”.

Para todos aqueles que residem longe do local onde momentaneamente estudam, o alojamento, para além de constituir um esforço económico considerável, é uma variável de extrema importância, da qual depende, em grande medida, o sucesso da adaptação do aluno universitário ao meio que o recebe. Os camaradas de quarto ou de casa, condicionam muitas vezes esse processo de integração, facilitando-o extraordinariamente, quando no seio desse grupo restrito se geram laços de confiança e solidariedade, os quais, muitas vezes, não se esgotam nunca no tempo. Apesar de apenas 15% dos entrevistados referir este aspecto, este assume-se já como um facto de grande importância, o que é atestado pelo elevado valor UR/UE (que no caso é 1,7).

De salientar a ausência de qualquer referência à instituição enquanto tal, o que pressupõe uma acção positivamente nula da universidade no sentido de receber, adaptar e integrar os seus novos membros. Concomitantemente pouco nomeados (apenas 2 U.E.) os professores parecem pouco contribuir, durante o exercício das suas funções, para tal desiderato.

4. Conclusões

Concluiremos a análise dos dados respeitantes aos temas apresentados, referindo que nas primeiras semanas de universidade, o discente *caloiro* vive intensamente as muitas dificuldades com que depara. Obstáculos de natureza diversa e sistémica: a uma impreparação prévia e a um desconhecimento da realidade universitária juntam-se uma certa "imaturidade" e alguma "irresponsabilidade" factos que conjugados com uma dificuldade reconhecida e expressa no relacionamento com todos os que o rodeiam, potenciam no jovem aluno estados de eventual angústia que o levam, a maior parte das vezes, a recorrer a atitudes e comportamentos algo introvertidos, apesar de reconhecer a importância do relacionamento com os outros na superação das dificuldades.

A entrada na universidade, em nossa opinião, mais do que o início de um novo ciclo no percurso académico do discente, é o concluir de uma das mais difíceis etapas de toda a sua vida: entrar para a universidade. No primeiro ano procura-se, conhecer a nova realidade, pôr em prática uma certa autonomia em relação à família, criam-se necessariamente novos relacionamentos, têm-se novas experiências, aprende-se de novo tudo aquilo que se julgava já aprendido, tenta-se, afinal de contas, simplesmente, crescer. As dificuldades expressas e todas aquelas que, por serem intensamente sentidas, dificilmente são verbalizáveis, decorrem, em nosso entender, de uma mistura difusa de sentimentos e emoções tantas vezes contraditórios. O receio, o medo, a angústia ocorrem precisamente porque se vive com muita intensidade toda uma série de novas situações, que, pela sua novidade, arrastam concomitantemente o prazer do risco e do desconhecido. O desconhecido, que foi arduamente procurado ao longo da maior parte da sua vida. Estar na universidade é antes de tudo, motivo de júbilo e de satisfação. Daí que ocorram opiniões como aquela que transcrevemos:

Ser-se Caloiro

“enquanto estiver aqui a estudar, vou encarar as coisas de uma maneira bastante desportiva (...) quando começar a trabalhar (...) é o início da responsabilidade...” (E 13).

No entanto, estar na universidade implica igualmente o assumir de determinados compromissos para com os outros e para consigo próprio. É nesse plano que, em nossa opinião, assentam a maior parte dos obstáculos que foram referidos pelos respondentes. Estar na universidade - ao longo do 1º ano - começa a não ser somente a concretização de um projecto ambicioso, mas principalmente, a assumpção responsável e quase definitiva de um projecto de vida, que muitas vezes não é compatível com os comportamentos do passado recente. *Ser-se caloiro* é ser-se cada vez mais um projecto em início e cada vez menos um fim de projecto.

Referências Bibliográficas

- BALCELLS, J.P. & MARTIN, J.L. (1985). *Os métodos no ensino universitário*, Lisboa, Livros Horizonte Lda.
- BIREAUD, A. (1990). *Les méthodes pédagogiques dans l'enseignement supérieur*, Paris, PUF.
- BOAVIDA, J. J. (1986). "Contributo para a compreensão dos modelos clássico e moderno da relação pedagógica", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XX, 337-344.
- ESTRELA, M.T. (1984). "Relação pedagógica: contrato, transacção ou ultimatum?", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XVIII, 63-73.
- ESTRELA, M.T. (1992). *A relação pedagógica. disciplina e indisciplina na aula*, Porto, Porto Editora.
- FERNANDES, E. (1990). *Psicologia da adolescência e da Relação Educativa*, Porto, Ed. Asa.
- GIL, A.C. (1990). *Metodologia do ensino superior*, São Paulo, Editora Atlas S.A.
- O.C.D.E. Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico - 1987, *Que futuro para as universidades*, Edição do Ministério da Educação.
- POSTIC, M. (1984). *A relação pedagógica*, Coimbra, Coimbra Ed^a.
- POSTIC, M. (1992). *O imaginário na relação educativa*, Porto, Edições Asa.
- RUSSO, L. (1988). "Il punto sulla «formazione universitaria» degli insegnanti", *Orientamenti Pedagogici* ano XXXV, nº3 (207), 477-492.
- SAINT-BONNE, M.C.R. (1991). "Acerca de la integración de estudiantes profesores y comunidad", *Revista Educación- Revista de la Universidad de Costa Rica* nº15 (1), 139-145.

um olhar sobre paulo freire



Faculdade
universidade de Évora
19 a 23 de setembro